

# O SEMIÁRIDO BAIANO EM FESTA: NOSSO ANFITRIÃO É O LICURI *Syagrus coronata* (Mart.) Becc., ARECACEAE

Núbia Oliveira da Silva<sup>1</sup>, Marcio Harrison dos Santos Ferreira<sup>2</sup>,  
Aurélio José Antunes de Carvalho<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA, UNEB), Juazeiro, Bahia, Brasil; Mestre em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica UMA, Portugal; Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), Capim Grosso, Bahia. E-mail: [nubahia@hotmail.com](mailto:nubahia@hotmail.com)

<sup>2</sup> Biólogo, Mestre e doutorando em Ciências (Botânica); Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA); Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Lavouras Xerófilas (IF Baiano); Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE); Programa de Pós-Graduação em Botânica da UEFS (PPGBot-UEFS), Feira de Santana, Bahia. E-mail: [marcio.harrison@gmail.com](mailto:marcio.harrison@gmail.com)

<sup>3</sup> Eng. Agrônomo, Mestre e Doutorando em Ciências Agrárias (PPGCA-UFRB); Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Lavouras Xerófilas (IF Baiano); Pró-Reitor de Extensão substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano, Reitoria), Salvador, Bahia. E-mail: [aureliocarva@hotmail.com](mailto:aureliocarva@hotmail.com)

## RESUMO

Este artigo discute sobre a palmeira licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Arecaceae) enquanto alimento símbolo identitário do sertão semiárido baiano. O material de análise foi coletado por meio de uma pesquisa de caráter etnográfico durante a Sétima Festa do Licuri realizada em julho de 2014 no povoado de Barra Nova, zona rural de Várzea do Poço, Bahia, Brasil. Nosso objetivo é ressaltar a importância do licuri para o desenvolvimento da região ao relacionar a Festa do Licuri com toda carga de sentidos, subjetividades e de movimentação dos sujeitos, com os sentidos da convivência harmoniosa do homem com o semiárido. Assim, o Licuri e a Festa em sua celebração, nos aspectos aqui apresentados, são considerados fontes e redes de fortalecimento das relações sociais e culturais, além de contribuir com a conservação e uso sustentável da espécie no semiárido baiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** ecologia humana, Festa do Licuri, memória biocultural, lavoura xerófila.

## ABSTRACT

This text discusses the licuri palm (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Arecaceae) while food and identity symbol of the semi-arid of Bahia State. The analysis material was collected through an ethnographic research during the Seventh Fest of Licuri, held in 2014 in Barra Nova, county of Várzea do Poço, Bahia, Brazil. Our goal is to understand the importance of licuri for the development of the region as well as relate the Feast of Licuri with all inferences of senses, subjectivities and handling the subject with the sense of harmonious coexistence between man and semi-arid. Thus, the Licuri and the Fest in its celebration, in the aspects studied here, are considered sources and networks to strengthen the social and cultural relationships, and contribute to the conservation and sustainable use of the species in the Bahia semi-arid.

**KEYWORDS:** human ecology, Licuri Fest, biocultural memory, xerophytic crop.

## 1. INTRODUÇÃO

Dizia-nos Fernando Pessoa: “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo... Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer” (PESSOA, 1993, p. 94). Iniciar este artigo com as letras do Pessoa é, antes de

tudo, os efeitos de uma memória povoada por imagens de uma pequena aldeia, um lugarejo, abrilhantado pela luz do sol do sertão, pela magia dos encontros e dos encantos do lugar. É, por outro lado, os reflexos de uma inquietação instigada a partir dos enunciados sobre uma identidade territorial em reconstrução conectada com as relações dos sujeitos com o mundo para se repensar a relação homem-semiárido de forma mais comprometida com as questões locais, sociais e epistêmicas no sentido de se conceber um semiárido para além do olhar da seca, da pobreza e da violência simbólica que há muito afeta os discursos e os olhares lançados para a semiárido baiano.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o caráter popular de uma festa, como a Festa do Licuri, que agrega diversas gerações e possibilita o resgate da memória coletiva de homens e mulheres para um projeto de futuro comum (CARVALHO *et al.*, 2013; CARVALHO, FERREIRA e ALVES, 2014), valoriza e fortalece a memória biocultural das populações do centro-norte baiano, o que é corroborado por Toledo e Barreira-Bassols (2015) ao afirmar que a capacidade de lembrar é fundamental porque ajuda a compreender o presente e, portanto, favorece elementos para o planejamento do futuro.

No presente trabalho, a Festa do Licuri é apresentada numa perspectiva de integração dos princípios da agroecologia e da ecologia humana, ciências que emergem com o propósito de integrar as relações antropológicas, culturais, sociais e ambientais como fatores determinantes do desenvolvimento da humanidade (KORMONDY e BROWN, 2002). Nos agroecossistemas, a ecologia humana é um campo de atuação e um nicho de ideias importante para as atividades de ensino, pesquisa e extensão rural no âmbito da agrobiodiversidade, a qual também é definida por fatores socioculturais (*e.g.*, BOHLEN e HOUSE, 2009; AMOROZO, 2010). Nesse sentido, o licuri, a Festa e o povo emergem amalgamados numa espécie de resgate moral e ético de uma sociedade que busca restabelecer a ordem socioambiental, através do agroextrativismo sustentável, e também como alternativa para ressignificar a convivência do homem com o semiárido.

Nesse contexto, e no dizer do povo, o licuri é valorizado como o “o ouro do sertão” ou “a joia do semiárido”. Nas culturas tradicionais, a riqueza é tida como “todos os elementos constituintes das paisagens, úteis ao desenvolvimento humano” (SCHORR, 1996, p.14) e, segundo Altieri (2004), o modelo agroecológico é o principal responsável pela preservação dos biomas e florestas, pois visa à subsistência e autossuficiência da comunidade e dos(as) agricultores(as). Assim, a agroecologia contribui para que a participação da comunidade torne-se a força geradora dos objetivos e atividades dos projetos de desenvolvimento sustentável.

O licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Arecaceae) é uma palmeira típica do Semiárido brasileiro, tendo sido considerada uma lavoura xerófila já na década de 1950 (DUQUE, 2004), devido a características e adaptações que lhe proporcionam uma notável resiliência às adversidades do clima semiárido (DUQUE, 2004; RODRIGUES *et al.*, 2015). A espécie ocorre nos Estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e norte de Minas Gerais (NOBLICK, 1991), sendo que a maior parte dos licurizais concentra-se no centro-norte baiano (CARVALHO, FERREIRA e ALVES, 2014).

A amêndoa ou “coquinho” do licuri é rico em nutrientes, sendo utilizada em diversos produtos alimentícios, e sua palha serve para diversos artesanatos e utensílios domésticos, o que garante a geração de renda a muitas famílias que sobrevivem de sua colheita, principalmente no período de longa estiagem. Além de possuir múltiplos usos, seu manejo é de grande importância para essas regiões (CARVALHO, FERREIRA e ALVES, 2014; CARVALHO e FERREIRA, 2015; FERREIRA *et al.*, 2015; RODRIGUES *et al.*, 2015), sendo uma palmeira significativa e de antiga tradição de uso pelos povos das caatingas baianas:

As principais palmeiras bravas da Bahia são as que chamam urucuri, que não são muito altas, e dão uns cachos de cocos muito miúdos, do tamanho e cor dos abricóques, aos quais se come o de fora, como os abricóques, por ser brando e de sofrível sabor; e quebrando-lhe o caroço, donde se lhe tira um miolo como o das avelãs, que é alvo e tenro e muito saboroso, os quais coquinhos são mui estimados de todos (SOUSA, 1851, p. 198).

Além da importância econômica do agroextrativismo, o licuri é uma espécie-chave na resiliência às mudanças climáticas no semiárido (RODRIGUES *et al.*, 2015). A tecnologia social, nesse sentido, assume posição frente ao modelo de desenvolvimento capitalista, propondo a lógica da solidariedade para superar a lógica do desespero (CARVALHO, FICA PIRAS e FERREIRA, 2015; DAGNINO, 2014; FERREIRA *et al.*, 2015). Em razão da grande incidência da palmeira no centro-norte baiano, sua importância socioeconômica e cultural, e no intento de conscientizar a população sobre os prejuízos causados pelas agressões e desmatamento dos licurizais, desde 2008 vem sendo realizada a Festa do Licuri na região. Trata-se de uma celebração à palmeira, movimentando-se pelo festejar, comercializar, mostrar e saborear.

O evento intercala a importância da palmeira para a região, a integração do homem ao seu contexto e o encontro das diversas culturas locais como forma de promover um espaço de visibilidade e de formação para convivência com o semiárido baiano. A Festa do Licuri é um evento itinerante e acontece anualmente em uma determinada localidade pertencente à região dos territórios do Piemonte Norte do Itapicuru, Piemonte da Diamantina, Chapada Diamantina, Bacia do Jacuípe e Sisal. Essa festividade ao licurizeiro, sob a organização da Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina (Coopes, Capim Grosso - BA) e outros parceiros, já ocorreu nos municípios de Mairi, Quixabeira, Várzea da Roça, Capim Grosso, Serrolândia, São José do Jacuípe, Várzea do Poço e Caldeirão Grande, e sempre é realizada na zona rural (CARVALHO *et al.*, 2013; CARVALHO, FERREIRA e ALVES, 2014).

No presente trabalho, tomamos o licuri como um complexo temático para estudos, reflexões e ações na interface com a ecologia humana no semiárido baiano, sobretudo ressaltando-se os diferentes agentes sociais envolvidos nessa atividade agroextrativista, com destaque para a figura da quebradeira-de-licuri. Dada a importância dessa palmeira para os povos tradicionais da região no que diz respeito à alimentação humana, extrativismo e artesanato, bem como a relevância social, cultural e formativa da Festa do Licuri, nos servimos desse artigo com os objetivos de: a) ressaltar a importância do licuri

para o desenvolvimento do Semiárido; e b) relacionar a Festa do Licuri com toda carga de sentidos, subjetividades e de movimentação dos sujeitos com os sentidos da convivência harmoniosa do homem com a natureza do semiárido baiano.

## **2. METODOLOGIA**

Os dados aqui apresentados foram coletados por meio de um trabalho etnográfico durante os três dias (18-20 julho de 2014) nos quais acontecia a 7ª Festa do Licuri na comunidade de Barra Nova, zona rural do município de Várzea do Poço, Bahia. Durante todo esse período, estivemos presentes realizando atividades e pesquisas com as técnicas de entrevistas (abertas e/ou semiestruturadas), diário de bordo, fotografias e observação participante (VALLADARES, 2007), utilizando-se os instrumentais da pesquisa qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 1986; BAUER e GASKELL, 2002). Além disso, no período de dois meses que antecedia a realização do evento, estivemos presentes envolvidos diretamente com a organização e com os preparativos para a realização da referida Festa.

Após a aplicação das técnicas e coleta de dados, foi feita uma descrição (densa) conforme sugere Geertz (1973) no sentido antropológico do método. Assim, fizemos a etnografia por meio do contato direto com as situações pesquisadas para apreensão e a descrição dos significados culturais dos sujeitos, uma vez que o “trabalho etnográfico deve se voltar para os valores, às concepções e os significados culturais dos autores pesquisados, tentando compreendê-los e descrevê-los” (ANDRE, 2009, p. 46).

A identidade dos(as) sujeitos(as) entrevistados(as) foi preservada e garantido o seu anonimato. A sistematização dos registros e análises audiovisuais seguiram a metodologia preconizada por Martins e Tourinho (2011) e Bauer e Gaskell (2002).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1. A Festa do Licuri no semiárido: convivência, sentidos e atitude

Carvalho (2010, p. 189) discute os termos da “Convivência”, incorporando um outro/novo olhar para o semiárido considerando as características próprias e a ressignificação dos elementos identitários. Nessa ressignificação emerge, ainda segundo a autora, um território simbólico-cultural, dimensionado pelos elementos (i)materiais presentes na produção e reprodução da vida daqueles que vivenciam e vivificam esses elementos. Para a autora:

O movimento de valorização dos atributos físicos e simbólico-culturais do território Semiárido por meio de músicas e de imagens positivas sejam da Caatinga, das paisagens, das gentes etc., são formas de ressignificar a territorialidade. O Semiárido passa a ser apreendido como o território que dá “segurança” e para tanto se constrói uma relação de apego, de enraizamento, de pertencimento (CARVALHO, 2010, p. 176).

Desse modo, os símbolos da convivência, materializados pelos produtos e artefatos do licurizeiro, institucionalizam um novo sentido para a própria convivência com a semiaridez porque criam uma rede de subjetivações em torno da concepção simbólico-cultural do território, fortalecendo, inclusive, o sentimento de pertencimento, atitude e atos conforme nos lembra Carvalho (2010).

Ao festejar a relação *homem-natureza-cultura* com uma nova perspectiva voltada para convivência, pensamos como Fortunato e Moreira Neto (2010) que esta relação começa a ser pensada a partir do redimensionamento do lugar, dos sujeitos e do ambiente como forma de superação de um passado marcado por desmandos políticos. São, pois, “formas novas de dizer uma região, pensando-a em suas especificidades, mas tentando inseri-la de maneira propositiva no contexto mais amplo da sociedade contemporânea e instituindo novas relações de saber/poder” (FORTUNATO e MOREIRA NETO, 2010, p. 58). Isso por que:

A ideia da convivência se apresenta dentro de uma realidade atualizada em função de novos saberes e novas demandas do mundo

atual. Sugere uma nova racionalidade para o Semiárido, fundamentada na perspectiva da sustentabilidade e que encontra nos movimentos sociais, em sindicatos e organizações não governamentais, o espaço próprio de sua elaboração e legitimação (FORTUNATO E MOREIRA NETO, 2010, p. 56).

Reis (2011), corroborando com essas questões, nos diz que o clima seco da região:

Permitiu se criar a ideia de calamidade pública que até hoje vigora na ideia e no imaginário social da população do Nordeste e do Brasil como um todo que vai compreender o Semiárido apenas pela representação idealizada da fome, da miséria, quando na verdade existem muitas outras coisas nessa região, que precisariam de maior visibilidade (REIS, 2011, p. 111).

A Festa do Licuri vai, pois, apresentar-se como uma nova forma de dizer e também de conviver com o semiárido, sobretudo, por uma estreita relação identitária do povo com o fruto do licuri mediante as histórias passadas de geração a geração, as imagens refletidas, o encontro das diversas culturas (CARVALHO *et al.*, 2013; CARVALHO e FERREIRA, 2015). Nesse sentido, conforme sugere Hall (1992, p. 11), “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”.

Assim, tomando-se a concepção sociológica de identidade, têm-se as culturas como fonte principal, e:

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 1992, p. 12).

Nesse caminhar, a identidade se desvela inundando o ser social, um sujeito de ação e de pertença, que se faz com o mundo e puxado pelas sombras dos tempos (passado, presente e futuro). Para o autor, “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura”. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 1992, p. 12). Essa reciprocidade nos atenta para a questão da incompletude e da movimentação que caracterizam tanto os sujeitos quanto às concepções de lugar e de

territorialidade. Sendo assim, estamos convencidos de que a identidade também nunca está fechada, acabada, ela se legitima num contrato processual, interativo e em constante refacção com mundo.

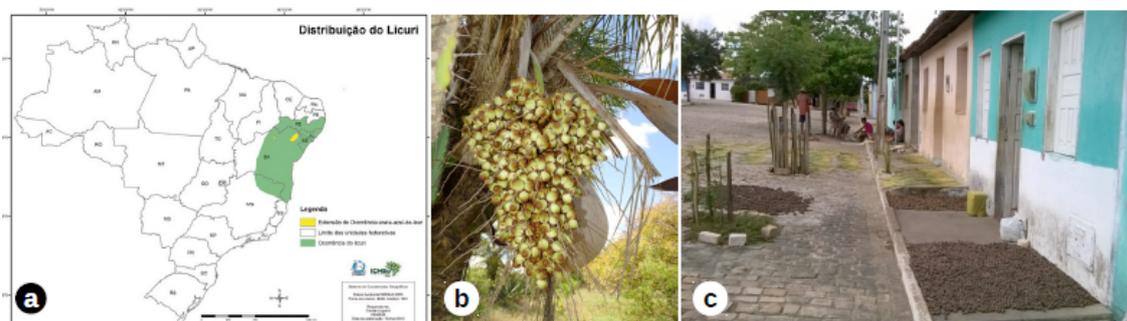
Para além disso, Carvalho *et al.*, (2013), em um estudo sobre a Festa do Licuri enquanto espaço não-formal de educação para a convivência com o semiárido, apontam a importância da discussão dos aspectos socioambientais, econômicos e culturais associados ao licuri, utilizando-se dos instrumentos da pesquisa-ação e da agroecologia: “o contato entre alunos do campo e as atividades desenvolvidas possibilitam vislumbrar a agricultura familiar camponesa e a agroecologia como alternativas à crise do sistema agroalimentar industrial” (CARVALHO *et al.*, 2013, p. 66).

### **3.2. Imagem do sertão semiárido baiano: cenário dos licurizais**

Olhar para as paisagens do sertão semiárido baiano é descansar no horizonte as imagens que se fazem na poesia escapada entre as terras acinzentadas, o verde teimoso e, ao longe, o azul perene do céu. Na região Noroeste do Estado da Bahia, nas estradas que ligam as cidades de Jacobina, Serrolândia, Quixabeira, Várzea do Poço, Mairi, Várzea da Roça, São José do Jacuípe, Capim Grosso, Ponto Novo, Senhor do Bonfim e Caldeirão Grande, entre serras, chapadas, mandacarus, umbuzeiros e os arbustos típicos da Caatinga, avistamos a bela e frondosa palmeira do licuri com sua elegância sutil, ornamentando as paisagens da região, geograficamente marcadas pela semiaridez.

Na Figura 1a podemos visualizar a distribuição geográfica de *Syagrus coronata* com destaque para o Estado da Bahia, que concentra a porção de maior ocorrência da planta, ornamentando a paisagem e servindo de base para alimentação humana e animal, artesanato e exportação. Nesse encontro com a palmeira, pode-se ver também a relação homem-natureza, como um símbolo de aliança, representado pelo espírito da convivência de homens e mulheres com a planta. Em Barra Nova, pequena comunidade do município de Várzea do Poço, por exemplo, famílias inteiras sobrevivem da arte produzida com a

palha do licurizeiro (FIGURA 1b), do extrativismo e beneficiamento da amêndoa para produção de alimento humano, como leite, azeite, cocada, paçoca, licor, sorvete. Durante o dia, a imagem que se tem das ruas é o chão forrado pela palha ainda verde e do fruto do licuri para secagem (FIGURA 1c).



**Figura 1.** Distribuição geográfica do licuri no Semiárido brasileiro (a), frutos próximo à colheita na Efase, Monte Santo-BA (b), e secagem do licuri no povoado de Barra Nova, Várzea do Poço-BA. Fonte: (a) Noblick, 1991 (adaptado); (b) Marcio H S Ferreira, julho de 2016; (c) Núbia O Silva, maio de 2014.

Nas varandas das pequenas casas, rolos e mais rolos de tranças enchem nossos olhos admirados com a técnica, com o detalhe e com a agilidade das mãos incansáveis das senhoras, jovens e crianças. Essas mulheres passam horas e horas tecendo, cortando, costurando seus cestos, bolsas, esteiras, aiós/*bocapius* (sacolas de palha de licurizeiro para colocar objetos, muito comuns nas feiras do sertão), conversando tantos assuntos: da novela das nove, do menino da comadre que caiu da motocicleta e precisa de uns unguentos, da hora de ir 'aprontar o de-comer' do marido, que estava na lida e vai chegar com um feixe de palhas novas como em oferenda à família. Feixe que simboliza um presente, um gesto de carinho e de cuidado. E, assim, vai se construindo uma relação semântica, efetiva e afetivamente marcada por símbolos identitários que religam o homem à natureza.

A figura 1c retrata uma cena muito comum na região onde se destaca a presença do licuri e o fortalecimento das relações sociais, econômicas, ambientais e discursivas que vão se construindo através das marcas desse contexto, a mundaneidade, no sentido de que nos fala Heidegger (1981) e os elementos culturais, elevados para o plano da convivência com as peculiaridades e possibilidades que o lugar oferece.

### **3.3. Diversidade cultural do sertão semiárido no cenário da 7ª Festa do Licuri**

A Sétima Festa do Licuri ocorreu entre os dias 18 a 20 de julho de 2014, sendo que no primeiro dia a programação ficou por conta dos torneios, da receptividade e do tradicional forró de São João prorrogado para essa data visto a Festa atrair um público maior, além de entidades e instituições como o MOC, Instituto Federal Baiano (IF Baiano), *Slow Food*, Adapta Sertão, ASA, Rede Moinho e Escolas Família Agrícola (EFA).

Todas estas parceiras do movimento, da organização da Festa e divulgação dos trabalhos desenvolvidos pela Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina (Coopes), articulam a rede de produção, pesquisam a fortaleza do licuri, promovem capacitações de convivência com o semiárido e instituem mecanismos de integração. O primeiro dia da Festa foi um momento de arrumação e integração entre visitantes e moradores. Logo cedo, as barracas já estavam todas arrumadas. O cacho verde do licuri pendurado foi destaque em quase todos os cantos da Festa. Um dos maiores momentos de expectativa foi o reisado apresentado pelos pequenos alunos moradores de Barra Nova-BA.

O reisado é uma tradição secular entre os sertanejos, principalmente nas comunidades rurais, cantado no Dia dos Reis (5 de janeiro). Essa tradição, em muitas comunidades, está entrando em fase de declínio devido às impressões e impactos das culturas modernas e do êxodo rural. Uma bela apresentação popular que falava da história do licuri na Caatinga e na região, acompanhada por vozes, palmas que ecoavam junto aos tambores, pratos e violas, dando um *show* à parte (FIGURA 2a).

No último dia de Festa, às nove horas da manhã, com sol já anunciando sua imponência, duas fanfarras fizeram a abertura oficial. Em seguida, começaram os preparativos para celebração da Missa. Cadeiras eram retiradas da pequena igreja para a frente do palco principal. Durante a celebração religiosa, houve o

ofertório dos produtos da planta do licuri: o chapéu, a vassoura, a esteira, as bolsas, a peneira, os coquinhos e os alimentos dele produzidos (FIGURA 2b).



**Figura 2.** Alunos apresentando o Reisado sobre o licuri (a), ofertório da Missa (b) e plantio de licuri (c) durante a 7ª Festa do Licuri, Povoado de Barra Nova, Várzea do Poço-BA, julho de 2014. Fonte: Rafael Santana.

Enquanto um cântico de adoração e agradecimento atravessava o pequeno povoado, senhoras andavam em cruzamento, acenando com suas ofertas pelo cantar ritmado dos símbolos do homem-natureza que se apresentavam numa só imagem: a imagem da esperança. A imagem símbolo da resistência e da fé. Sob a puxada do saudoso Gonzaga, o plantio do licuri em praça pública foi presenciado pelos moradores e visitantes como símbolo do lugar (FIGURA 2c). Esse momento ressignificou o trajeto da convivência com o lugar porque, através desse ato, a mensagem que fica é a de que não basta extrair para beneficiar, mas é preciso replantar, é preciso cuidar, aproximando ainda mais o homem, a natureza e os elementos culturais numa só teia.

Às 11 horas da manhã, um cheiro típico das cozinhas caipiras tomou conta do lugar. Aproximava-se a hora do almoço. Barracas se perdiam em meio ao aglomerado de pessoas nas mesas para saborear a galinha caipira ao leite de licuri, a farofa, o arroz, o peixe, todos com o toque do sabor e do cheiro do coquinho que nos apetece relatar. O licuri nas receitas dos povos das comunidades tradicionais do sertão semiárido baiano serve de matéria-prima, tempero e acompanhamento dos pratos mais pedidos e mais ligados às manifestações culturais (FIGURA 3), como o bacalhau na Sexta Feira da Paixão, o vatapá oferecido nos terreiros e grande parte da alimentação diária dessa gente.

Dando sequência às apresentações da Festa, às duas horas da tarde, o sol já escaldante e o céu tingido do azul mais imperioso do que nunca, iniciou-se a gincana da quebra do licuri, um dos momentos mais significativos da Festa e por onde se espelha, de fato, os reflexos da visibilidade das quebradeiras (FIGURA 4a).



**Figura 3.** Alguns alimentos e pratos preparados com o licuri: o leite de licuri (a); variedade de doces, cocadas e óleo de licuri (b); colar de coquinhos do licuri e pratos típicos feitos à base de licuri (c) na 7ª Festa do Licuri do povoado Barra Nova, Várzea do Poço-BA, 20 de julho de 2014. Fonte: Marcio H S Ferreira.

E, ao mesmo tempo, um coro de vozes masculinas entoou uma chula musicada pelos cavaquinhos, cuias, pandeiros, pratos e palmas, que narrava a diversidade cultural, a beleza e as labuta da vida cotidiana nesse sertão semiárido. O ritmo envolvente contagiou as senhoras e os senhores que não pouparam os solados de suas alpercatas já gastas pelo tempo, quando um colorido em azul e amarelo apreendeu todos os olhares. Entra em cena um grupo da terceira idade apresentando a cantiga de roda (FIGURA 4b).

Uma dança em círculo movimentada pela interação, ritmo e poesia que embalou muitos namorinhos de décadas atrás. Para fechar as apresentações e atender às expectativas do público, no finalzinho da tarde, acontecia o desfile da rainha e do rei do licuri. Crianças de idades diferenciadas e até senhoras desfilavam a caráter da beleza da planta que se destaca na silvestre e mitológica caatinga (FIGURA 4c).

Desse modo, a participação do licuri e da diversidade cultural do sertão semiárido no cenário da Festa encontram-se presentes em diversas formas de manifestação e apresentação do eu-sujeito intrinsecamente ligadas ao mundo-

vida desses sujeitos no qual a fortaleza e a convivência com o licurizeiro é a mensagem e a expressão maior.



**Figura 4.** Gincana da quebra do licuri (a), apresentação de dança e cantiga de roda (b), e desfile das rainhas do licuri (c) na 7ª Festa do Licuri do povoado Barra Nova, Várzea do Poço-BA, 19 de julho de 2014. Fonte: (a) Pedro P Rios, (b) Rafael Santana, (c) Senária Oliveira.

Tomando os exemplos da diversidade cultural do semiárido baiano nos eventos da Festa do Licuri, percebemos seus efeitos como um fortalecimento dos elementos identitários para os povos da região em defesa de mostrar, representar essa fonte de cultura, de renda e integração no semiárido. Nestes termos que para Fortunato e Moreira Neto (2010):

A sustentabilidade e a convivência passam a ser consideradas como fundamentos dos programas e ações sociais interessados na melhoria das condições socioeconômicas da região, sejam estes desenvolvidos pela sociedade civil organizada ou pelo poder público. Impõe-se como referencial a construção de memórias que possam subsidiar alternativas que tornem possível o princípio da convivência com o meio, a formação social e política das pessoas, a melhoria das suas condições de vida e a elaboração de uma nova identidade para o “ser Semiárido (FORTUNATO e MOREIRA NETO, 2010, p. 57).

Dessa forma, a Festa apresenta um cenário que potencializa, retrata e redefine as questões da convivência com a semiaridez na região, o que é ressaltado também por Carvalho *et al.* (2013). Isso porque com a Festa, o espaço e o licuri passaram a receber novos olhares, e por meio de suas representações e da integração das diversas culturas, imagens, memórias, causos desse contexto e de sua gente foram sendo aos poucos ressignificadas, sobretudo em termos da identidade, das ideologias e do sentido de ser e perceber-se como traz Fortunato e Moreira Neto (2010), e também Toledo e Barrera-Bassols (2015), quando ressaltam a importância da valorização e conservação da memória biocultural.

Nessa linha de se conceber a convivência, Maffesoli (1995) vem nos falando desse reencantamento do mundo e da visão misteriosa das coisas em ação, apontando para “um conjunto complexo no qual as diversas manifestações da imagem, do imaginário, do simbólico, do jogo das aparências ocupam, em todos os domínios, um lugar primordial” (MAFFESOLI, 1995, p. 17), o que fica perceptível nessas manifestações culturais cantadas, dançadas, poetizadas e apresentadas no palco da Festa do Licuri.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, ressalta-se a importância da Festa do Licuri enquanto promotora da valorização da cultura e do espaço identitário nos territórios de identidade do centro-norte baiano, das relações com a cosmovisão dos camponeses e das quebradeiras de licuri no processo de agroextrativismo e múltiplos usos do licuri em sua vida cotidiana e na transmissão de saberes transgeracionais.

Vislumbra-se, ainda, a relação entre território e patrimônio biocultural, enquanto elementos muito importantes para forjar a identidade dessas populações em razão de um legado compartilhado e que, em grande medida, é permeado pela 'cultura do licuri'. Assim, a Festa do Licuri traz elementos materiais e imateriais que possibilitam reivindicar a identidade originária desses grupos (quebradeiras-de-licuri, trançadeiras, sambadeiras, artesãs, culinárias etc.) e dos(as) camponeses(as) de uma forma geral.

Esse conjunto de saberes e práticas que perpassam essa 'cultura do licuri' e que são parte de um patrimônio biocultural, também são essenciais para que essas populações idealizem e efetivem práticas de autogestão e manejo dos recursos naturais de seus territórios, como o *Syagrus coronata*, para assim poder conservá-los para a atual e gerações futuras. É também tarefa do Estado defender e promover o reconhecimento e a valorização da memória e patrimônio biocultural a partir de políticas públicas que permitam a essas

populações preservar/conservar seus saberes e práticas ancestrais.

A ecologia humana, por sua vocação natural enquanto ciência inter e multidisciplinar, tem um importante papel no enfrentamento das atuais e futuras demandas do agroextrativismo sustentável do licuri no semiárido baiano.

## 5. REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

AMOROZO, M. C. M. Diversidade agrícola em um cenário rural em transformação: será que vai ficar alguém para cuidar da roça?. In: MING, L. C.; AMOROZO, M. C. M.; KFFURI, C. W. (Orgs.) **Agrobiodiversidade no Brasil: experiências e caminhos da pesquisa**. Recife: NUPEEA, p. 295-308, 2010.

ANDRE, M. E. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOHLEN, J.; HOUSE, G. J. **Sustainable agroecosystem management: Integrating ecology, economics, and society**. Advances in Agroecology Series. Boca Raton: CRC Press/Taylor & Francis Group, 2009, 300 p.

CARVALHO, L. D. **Ressignificação e reapropriação social da natureza: práticas e programas de convivência com o semiárido** no território de Juazeiro – Bahia. Tese de doutorado em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Aracaju: UFS, 2010.

CARVALHO, A. J. A.; ALVES, J. S.; RODRIGUES, A. C.; SOUZA, M. L. SENA, W. S.; FERREIRA, M. H. S. A “Festa do Licuri” enquanto espaço não formal de educação para a convivência com o Semiárido. In: RAMOS, P. R. (Org.). **Anais do II Workshop de Educação Ambiental Interdisciplinar**. Juazeiro: Editora Franciscana, p. 64-66, 2013.

CARVALHO, A. J. A.; FERREIRA, M. H. S.; ALVES, J. S. O licuri (*Syagrus coronata*, Arecaceae): lavoura xerófila e agricultura familiar camponesa no semiárido do centro-norte baiano. **Bahia Análise & Dados**, vol. 24, n. 3, p. 557-569, 2014.

CARVALHO, A. J. A.; FERREIRA, M. H. S. Programa Conca – sistema de produção do licuri (*Syagrus coronata*, Arecaceae): sustentabilidade, saberes e sabores da Caatinga. In: LIMA, I. M. S.; CARVALHO, C. X.; FRANCO, M. J. N. (Org.). **Educação do Campo e Diversidade Cultural: faces e interfaces - Volume 1**. Recife: Editora da UFPE, p. 327-338, 2015.

CARVALHO, A. J. A.; FICA PIRAS, P. R.; FERREIRA, M. H. S. El agro-extractivismo del licurí (*Syagrus coronata*): tecnología social y agroecología en el Semiárido de Bahia, Brasil. In: **Memorias del IV Congreso Latinoamericano de Etnobiología**. 27 de setembro a 2 de outubro de 2015, Centro de Convenciones "Casa de la Moneda", Popayán, Colombia, 2015.

DAGNINO, R. **Tecnologias Sociais: contribuições conceituais e metodológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

DUQUE, J. G. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. Fortaleza: BNB, 2004.

FERREIRA, M. H. S.; GIRARDI, V. T.; FICA PIRAS, P. R.; CARVALHO, A. J. A. Máquinas no beneficiamento do licuri: perspectiva agroecológica de tecnologia social nas caatingas da Bahia. **Cadernos de Agroecologia**, vol. 10, n. 3, p. 65-71, 2015.

FORTUNATO, M. L.; MOREIRA NETO, M. De como lembrar o semiárido e esquecer o sertão. **SÆculum – Revista de História**, v. 23, p. 51, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Trad, Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.  
HALL, S. **Identidade na pós modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

HEIDEGGER, M. **Todos nós...ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. Trad. Dulce Mara Critteli. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

KORMONDY, E. J.; BROWN, D. E. **Ecologia Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 2002, 503p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFESOLLI, M. **A contemplação do Mundo**. Trad. Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Oficinas, 1995.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Educação da cultura visual: conceito e contextos**. Santa Maria: UFSM Editora, 2011.

NOBLICK, L. R. **The indigenous palms of the state of Bahia, Brazil**. Chicago: Phd Thesis, 1991.

PESSOA, F. "O Guardador de Rebanhos". In: PESSOA, F. **Poemas de Alberto Caetano**. 10ª ed. Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1993.

REIS, E. S. Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. In: SILVA, C. M. S. et al. (Orgs). **Semiárido Piauiense - Educação e Contexto**. Campina Grande: INSA, p. 109-130, 2010.

RODRIGUES, A. C.; CARVALHO, A. J. A.; FERREIRA, M. H. S.; ALVES, J. S. O Programa Conca e a lavoura xerófila do licuri (*Syagrus coronata*): resiliência às mudanças climáticas no semiárido da Bahia, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, vol. 10, n. 3, p. 112-117, 2015.

SCHORR, M. K. **A agroecologia, a agricultura biodinâmica e a permacultura para as Áreas de Proteção Ambientais brasileiras**. Brasília: Instituto Ânima de Desenvolvimento Sustentável, 1996, 155 p.

SOUSA, G. S. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1851. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2015.

TOLEDO, M. V.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Tradução de Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.